

REFLEXÕES SOBRE O ENVELHECIMENTO: DESAFIOS E CAMINHOS PARA UMA VIDA PLENA

Victória Lavínia Aguiar Ribeiro ¹
Ana Patrícia Luna Sousa ²
Karynna Magalhães Barros da Nóbrega ³

RESUMO

A velhice é uma fase perpassada por inúmeros desafios, dentre eles, o limite imposto pelo corpo ao sujeito, o estranhamento em relação a imagem corporal, o sentimento de finitude que inexoravelmente se instala e a perda de lugar para o Outro social. Diante disso, tomando como referencial teórico a psicanálise e a teoria das representações sociais, foi realizada uma análise fílmica da obra “Elsa e Fred: um amor de paixão” (2014), tendo em vista que esse tipo de análise não possui intenção de dirigir-se ao espectador, tampouco convencê-lo, mas de problematizar. O referido trabalho objetiva refletir e analisar criticamente o lugar do idoso na sociedade vigente, bem como as inúmeras vias possíveis para o envelhecimento e como cada sujeito irá encarar as adversidades citadas. Para exemplificar as possibilidades do envelhecer, o filme mostra que Elsa é uma mulher alegre e espontânea e, apesar de sua doença terminal, segue investindo na vida, já Fred, por outro lado, é um viúvo amargo, sendo possível notar que a discrepância entre os dois demonstra que Elsa vive um envelhecimento sereno enquanto Fred caminhava para um patológico. Como resultado, constatou-se que o investimento na vida, através de diferentes atividades, é um mecanismo fundamental para evitar esse envelhecimento patológico e para envelhecer de forma a cultivar uma boa saúde mental.

Palavras-chave: Saúde Mental, Idoso, Psicanálise, Análise Fílmica.

INTRODUÇÃO

O filme "Elsa e Fred: Um Amor de Paixão" (2014), dirigido por Michael Radford, é uma comédia romântica que conta uma história de amor entre dois idosos, Elsa e Fred. O personagem de Fred Barcroft, interpretado por Christopher Plummer, está com 80 anos e enfrenta a recente perda de sua esposa. Devido a isso, sua filha o obriga a mudar-se, mesmo contra sua vontade, para um apartamento em Nova Orleans, onde torna-se vizinho de Elsa Hayes, de 74 anos, protagonizada por Shirley MacLaine. Apesar das notáveis diferenças no temperamento e na perspectiva de vida, os dois protagonistas apaixonam-se. Diante disso, para além do declínio fisiológico e cognitivo natural advindo da velhice, Fred demonstra pouca

¹ Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, victoria.lavinia@estudante.ufcg.edu.br;

² Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, patricialunasousa@gmail.com;

³ Docente do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, karynnanobrega.ccb@ufcg.edu.br.

vontade de continuar investindo na vida, mas Elsa, aos poucos, o ensina a mudar sua posição frente à vida, à morte e ao envelhecimento.

A partir desse contexto e dos desafios encontrados no envelhecimento, como a noção de finitude, é importante refletir sobre como cada um, ao seu próprio modo, enfrenta os desafios dos limites do corpo e da invisibilidade diante do olhar do Outro social - campo simbólico introduzido a partir da linguagem, constituinte de toda relação intersubjetiva e inserido por meio da cultura, classe social, língua e contexto histórico, formando, desse modo, uma estrutura psíquica determinada para cada sujeito (PENA; SILVA, 2018). Aqueles que se encontram, inevitavelmente, imersos nesse processo de envelhecimento, reagem de maneiras diversas. Enquanto alguns se esforçam para manter a maior autonomia possível, outros podem se tornar reféns de um acentuado declínio nas suas capacidades, seja por aspectos genéticos, seja em virtude da falta de investimento de um Outro. Assim, surgem múltiplas formas de envelhecer, cada uma moldada por desafios particulares que dependem da perspectiva de cada sujeito sobre o próprio processo, sendo os caminhos para enfrentar essa realidade diversos.

Face a isso, este artigo propõe uma articulação entre o cinema e a psicanálise, tomando como ponto de partida o que o filme “Elsa e Fred: um amor de paixão” (2014) ensina sobre a velhice e o envelhecer. Foi utilizada a análise fílmica como metodologia para investigar os caminhos que conduzem a uma velhice serena ou patológica, seguindo as etapas propostas por Penafria (2009), que envolvem a decomposição, descrição e interpretação, aplicando-se a análise de conteúdo, bem como a análise fílmica psicanalítica (WEINMANN, 2017). O objetivo principal é promover uma reflexão crítica sobre a posição ocupada pelos idosos na sociedade contemporânea, explorando algumas das diversas trajetórias possíveis para o processo de envelhecimento. Isso implica reconhecer que a experiência do envelhecimento é subjetiva, particular e influenciada por fatores culturais, sociais e econômicos.

Com a psicanálise, aprendemos que os diferentes discursos, sejam eles sociológicos, antropológicos, médicos, religiosos e tantos outros, buscam caracterizar e nomear o enigma da velhice. Contudo, existe um ponto impossível de nomear, identificado como um “furo” no saber. Goldfarb (1998) alerta que os discursos circundantes da cultura deixam marcas nos sujeitos e que cada um se identifica com os significantes que circulam tanto no Outro social quanto no Outro parental. Tem-se ciência de que, para o discurso psicanalítico, não existe “sintoma de velho”⁴; cada um vai envelhecer à sua própria maneira, se defender do confronto

⁴ Em uma sociedade etarista, é comum o termo “velho” ter um cunho pejorativo. Entretanto, no referido trabalho, ele será utilizado com um outro sentido, visando a desconstrução da velhice como algo que causa repulsa ou como uma fase negada e temida pelo sujeito.

com o real do corpo envelhecido e da angústia relacionada à morte. Portanto, a velhice não é doença.

A teoria das Representações Sociais refere-se a conhecimentos socialmente elaborados e compartilhados que estabelecem uma realidade comum a um determinado grupo social (JODELET, 2001), inserindo-se, de maneira simbólica, em estruturas de pensamento pré-existentes, bem como reafirmadas e ensinadas mediante meios de comunicação e mídia. Tendo isso em vista, faz-se relevante refletir quais as representações do velho na sociedade vigente e de que maneira isso interfere nos processos de saúde mental desses sujeitos.

Diante disso, a percepção socialmente compartilhada sobre a terceira idade ainda é fundamentada na crença de que a velhice está associada ao declínio, à morte, ao sofrimento e à dependência, mesmo as representações mais positivas são carregadas de estereótipos e preconceitos:

[...] em um primeiro momento, a velhice pode ser vista apenas como o período de espera pela morte, ou seja, um período de declínio, o que negaria, assim, a possibilidade de um futuro para o velho; por outro lado, admite-se que a velhice pode ser vista como “uma vitória; uma prova de resistência, um desafio para fortes; uma fase de humilhações e falta de dignidade; degradação; vulnerabilidade” (MERCADANTE, 2009, p. 42 *apud* MINÓ; MELLO, 2021, p. 275).

Em “Corpo, Tempo e Envelhecimento”, a psicanalista Goldfarb demonstra a complexidade do envelhecer humano e distingue o envelhecimento patológico do envelhecer sereno. Aposta que, para o envelhecimento saudável, se faz necessária a manutenção de vínculos, a distribuição de libido em diferentes objetos de satisfação e a obtenção de um objeto-paixão que mobilize o desenvolvimento de projetos de curta duração. Enfrentando o paradoxo do luto, por um lado, é preciso continuar investindo na vida e, por outro, aos poucos ir desinvestindo dela. Afinal, tem-se consciência da finitude e da proximidade da morte.

Por fim, observou-se que o luto pelo fim da vida interfere nas ações dos personagens do filme e estabelece uma relação com o corpo e com o Outro social, que vão agir de modo limitante no processo de envelhecimento patológico ou potencializador no processo de envelhecimento sereno.

METODOLOGIA

Com o intuito de investigar quais caminhos levariam a uma velhice serena ou patológica, foi decidido por um estudo de cunho exploratório, sendo a base metodológica

escolhida a análise fílmica. Penafria (2009) afirma que a metodologia em questão implica em duas etapas importantes: decompor ou descrever e interpretar. Apesar de não existir um procedimento metodológico específico para realizar a análise fílmica, existem alguns critérios, como a desconstrução e reconstrução dos elementos do filme (PENAFRIA, 2009). Neste caso, foi realizada uma análise de conteúdo buscando relacionar os elementos internos da obra (enredo, cenas e personagens) com o referencial teórico e o tema principal do trabalho: o envelhecimento.

O cinema pode ser compreendido como um conjunto de signos com uma linguagem própria, mobilizando recursos da dimensão do imaginário e do simbólico (WEINMANN, 2017). Imaginário porque pode proporcionar inúmeras significações a depender de como são produzidas as experiências sensoriais a partir de recursos ópticos e da noção de perspectiva que deseja-se criar, manifestando as sutilezas da alma e relacionando-se simbolicamente com o espectador quando este preenche o espaço vazio existente nesse campo de significação (WEINMANN, 2017). Desse modo, mediante a análise fílmica psicanalítica de uma obra romântica com protagonistas pouco usuais, é interessante pensar como são construídos os significados e significantes da velhice e quais os efeitos que as produções culturais provocam, observando de que maneira as representações socialmente construídas influenciam a visão da família dos personagens velhos sobre eles e a visão deles em relação a si mesmos.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O FILME: ALGUMAS VIAS PARA O ENVELHECIMENTO

No filme é possível observar algumas vias para o envelhecimento humano, com ênfase nas vivenciadas pelos personagens Elsa e Fred. Elsa personifica o envelhecimento dinâmico, que é uma das três representações mais comuns do envelhecimento, marcado por atividade e autonomia (CORRÊA *et al*, 2013 *apud* ARAÚJO; CASTRO; SANTOS, 2018). Por outro lado, Fred é retratado como um homem que está constantemente cansado e indisposto, com uma permanente ausência de objetos para investir e possuindo características de esgotamento de libido (GOLDFARB, 1998).

Ao analisar a vida de Fred, nota-se que ele optou por ignorar suas limitações, a realidade da morte, assim como o desejo e a satisfação provenientes da necessidade humana em estabelecer laços. Em resumo, não era o temor da morte que assombrava Fred, mas sim o medo da vida. Ao machucar a mão com a serra elétrica, por exemplo, ele perde algo extremamente

significativo: a capacidade de tocar violão com perfeição e técnica. A busca pela perfeição e a consequente fuga de seus próprios sentimentos, demonstram sua incapacidade em superar essa perda narcísica e encarar o fato de que as falhas são inerentemente humanas e as frustrações inevitáveis. Diante da ausência de recursos internos para lidar com as adversidades, Fred aprenderá com Elsa a encarar a efemeridade da vida com paixão e intensidade.

Uma diferença notória entre esses personagens emerge na forma como ambos enfrentam a imagem, o limite do corpo e o reconhecimento da transitoriedade. Elsa está diante de um iminente fim da vida, causado por um problema renal crônico. Todavia, apesar da clara consciência de sua finitude, ela persiste em conceber e realizar projetos dentro dos limites de sua expectativa de vida, permitindo-se a criação de vínculos interpessoais apesar disso. Tal atitude diante da limitação do corpo e da temporalidade caracteriza-se como envelhecimento saudável ou sereno (GOLDFARB, 1998).

De modo contrário, Fred autodenomina-se como “morto-vivo” e encontra-se constantemente acamado, ainda que não possua o mesmo prognóstico de Elsa. Esse retorno a um estado de repouso absoluto ou inorgânico, tendendo à inércia, representa um conceito freudiano chamado pulsão de morte - força psíquica subjacente que opera no inconsciente, responsável por impulsos destrutivos e constituindo-se de uma energia regressiva. Desse modo, a libido libertará o sujeito da pulsão de morte, “transformando-a em pulsão de domínio, destruição e vontade de poder” (GOLDFARB, 1998, p. 64).

Nesse sentido, eles lidam com a vida e a morte iminente de formas muito diferentes. Em “Luto e Melancolia” (FREUD, 1915 *apud* FREDI, 2016), Freud estabeleceu que o trabalho do luto se dá a partir da significação e aceitação. Para ele, na experiência do luto, o sujeito renuncia o objeto, permitindo o desprendimento da libido, enquanto na melancolia, o objeto a ser renunciado é o próprio eu (FREDI, 2016).

A partir disso, observamos que a forma que Elsa lida com a vida é uma forma que se assemelha ao trabalho do luto e, a partir do desprendimento da libido, passa a investir em diversos outros objetos, sendo um deles, o próprio Fred. Assim, “a libido se caracteriza por ser uma energia psíquica que visa satisfação, é móvel, ou seja, investe e desinveste em objetos, deslocando-se” (FREDI, 2016, p. 01). Nesse contexto, a libido corresponderia ao investimento na vida feito por Elsa, ao contrário de Fred que, inicialmente, encontra-se em um estado de melancolia.

Outro aspecto relevante evidenciado nessa obra é a relação estabelecida entre os protagonistas e seus filhos. Lydia Barcroft, filha de Fred interpretada por Marcia Harden, retira do pai, simbolicamente, o lugar de sujeito ao decidir por ele, exercendo controle e possuindo,

até mesmo, a cópia da chave de seu apartamento. O sujeito velho, dessa forma, perde a autonomia e seu poder de decisão em decorrência da maneira como os familiares o percebe, entendendo a velhice “[...] como período de declínio físico, biológico e psicológico, ancorando em representações negativas da velhice” (CRUZ; FERREIRA, 2011 *apud* ARAÚJO; CASTRO; SANTOS, 2018, p. 20).

Ao contrário das representações sociais predominantes acerca do sujeito velho, isto é, o senso comum, a forma como o sujeito enxerga a si mesmo ou a essa fase da vida nem sempre é de forma negativa. Para Brito, Jardim e Medeiros (2006, p. 29), “o estigma negativo da velhice sempre vem na visão do outro; o próprio idoso vê o processo do envelhecimento como um tempo oportuno para a construção de algo novo”.

Para além das expectativas do Outro social, o envelhecer é caracterizado por uma relação conflituosa com o corpo. Este impõe limitações e passa por transformações que, frequentemente, resultam em sentimentos de negação e dificuldade em reconhecer a própria imagem corporal, conceito chamado de espelho negativo (GOLDFARB, 1998). Essa relação é evidenciada quando Elsa resgata, na forma de reminiscência, sua imagem idealizada do passado, alegando ter sido muito parecida com a protagonista do filme “La Dolce Vita” quando era mais nova. Assim, percebe-se, por parte da personagem, uma exaltação do corpo jovem e da juventude, consequência de discursos culturais que constroem de maneira negativa a identidade do velho e insistem em relacionar a beleza à juventude, retirando o velho do lugar de sujeito de desejo, descategorizando-o.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultado, percebemos que há estereótipos e generalizações ao se tratar do envelhecimento humano. Guerra e Caldas (2010 *apud* MINÓ; MELLO, 2021) reconhecem a relação entre o preconceito e a insuficiência de informações no que diz respeito a essa fase, culminando na demarcação de fronteiras simbólicas que apartam e adoecem psicicamente o sujeito velho. Nesse sentido, a perda de identidade desse grupo a partir do olhar do Outro social, em conjunto com a carga de preconceitos ao relacionar o envelhecimento com doença, privação e dependência, faz com que o corpo biologicamente envelhecido seja negado e censurado socialmente.

Portanto,

A cultura ainda nos impulsiona a valorizar o jovem e tende a associar a imagem da pessoa idosa a perdas, deficiências e falta de beleza. Por esse motivo, é preciso valorizar a heterogeneidade cultural e individual, caso contrário, corre-se o risco de não se conferir importância adequada à influência dos fatores biopsicossociais no envelhecimento (GAETA; MELLO; HAYAR, 2017, p. 93-94 *apud* MINÓ; MELLO, 2021, p. 278).

Do mesmo modo, Jack Messy (1993, p. 33 *apud* GOLDFARB, 1998, p. 9) afirma que “se o envelhecimento é o tempo da idade que avança, a velhice é o da idade avançada, entenda-se, em direção à morte”. Com outras palavras, tem-se que o processo de envelhecimento é encarado como uma trajetória que se aproxima da morte. Entretanto, essa concepção não deve definir o que é a velhice, uma vez que estamos passíveis a doença, morte e limitações físicas em qualquer idade. Diante disso, por mais que o corpo imponha restrições, o inconsciente é atemporal.

Dentre as possíveis vias para o envelhecimento, observamos a diferença entre o velho nostálgico (deprimido) e o velho reminescente. Esse último utiliza o passado para vincular-se ao presente e preservar sua identificação, investindo libido na vida e cultivando uma boa saúde mental. Da mesma forma, a idade é apenas mais uma variável a ser considerada e não um fator determinante, já que “a possibilidade de vínculos e investimentos depende da estrutura psíquica de cada sujeito e de fatores externos como cultura, oportunidades e condições históricas” (GOLDFARB, 1998, p. 70).

Por fim, o investimento libidinal em diferentes objetos emerge como um elemento essencial para prevenir o envelhecimento patológico e promover um processo de envelhecimento que favoreça a preservação de uma boa saúde mental, como é o caso de Elsa, fazendo-se necessário reconhecer a velhice enquanto uma construção subjetiva particular, de modo a fugir das generalizações e preconceitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da análise fílmica, foi possível observar que Elsa enfrenta o processo de envelhecimento com leveza, apesar de ter limitações impostas pelo seu diagnóstico de doença renal crônica, contrariamente à concepção de Fred. No entanto, é possível observar que a concepção dele acerca da velhice modifica-se, aos poucos, depois da parceria amorosa com Elsa, já que ele aprende a impor limites na superproteção da filha e passa a ter uma vida com mais autonomia e vitalidade.

Com o intuito de buscar soluções para mitigar o impacto do etarismo e promover um envelhecimento mais saudável e digno, é essencial implementar estratégias que reduzam os estigmas associados aos idosos. Diante do cenário contemporâneo, no qual a longevidade se destaca, necessita-se adotar uma abordagem mais humana em relação a esses sujeitos, reconhecendo a oportunidade de envelhecer como um aspecto positivo. Faz-se relevante que os sujeitos velhos tornem-se protagonistas das próprias histórias, reivindicando direitos e assumindo a responsabilidade de serem agentes de mudança, diante dos discursos que patologizam a velhice e o envelhecer (GOLDFARB, 1998). Enfatizamos que velhice não é doença.

Em síntese, enfrentar o etarismo e criar condições propícias para um envelhecimento saudável requer uma abordagem multifacetada. Ao reconhecer e valorizar a experiência subjetiva particular, bem como a contribuição social dos idosos, a sociedade pode transformar a percepção do envelhecimento e construir um ambiente mais inclusivo e respeitoso para todas as idades.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes de; CASTRO, Jefferson Luiz de Cerqueira; SANTOS, José Victor de Oliveira. A Família e Sua Relação com o Idoso: um estudo de representações sociais. Juiz de Fora: **Revista Psicologia em Pesquisa**, V. 12, N. 2, P. 14-23, 2018.

BRITO, Ana Maria de; JARDIM, Viviane Cristina Fonseca da Silva; MEDEIROS, Bartolomeu Figueiroa de. Um Olhar Sobre o Processo do Envelhecimento: a percepção de idosos sobre a velhice. Rio de Janeiro: **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, V. 9, P. 25-34, 2006.

ELSA e Fred: um amor de paixão. Direção: Michael Radford. Estados Unidos: **4 Plus Films**, 2014.

FREDI, Rafael de Siqueira. Luto e Melancolia: algumas considerações. Rio Grande do Sul: **Salão do Conhecimento**, 2016. Disponível em: <https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaconhecimento/article/view/7058>>. Acesso em: 17 nov. 2023.

GOLDFARB, Delia Catullo. **Corpo, Tempo e Envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

JODELET, Denise. **As Representações Sociais: um domínio em expansão**. In: JODELET, D. (org.). **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, P. 17-44, 2001.



MINÓ, Nádía Marota; MELLO, Rita Márcia Andrade Vaz de. Representação da velhice: reflexões sobre estereótipos, preconceito e estigmatização dos idosos. **Oikos: Família e Sociedade em Debate**, V. 32, N. 1, P. 273-298, 2021.

PENAFRIA, Manuela. Análise de Filmes: conceitos e metodologia(s). In: **VI CONGRESSO SOPCOM**, 2009, Lisboa. Anais eletrônicos [...] Lisboa: SOPCOM, 2009.

PENA, Breno Ferreira; SILVA, Ronildo Deividly Costa da. O Outro no Ensino Lacaniano: algumas considerações. Belo Horizonte: **Estudos de Psicanálise**, N. 49, P. 81-90, 2018.

WEINMANN, Amadeu de Oliveira. Sobre a Análise Fílmica Psicanalítica. Fortaleza: **Revista Subjetividades**, V. 17, N. 1, P. 1-11, 2017.